

A estratégia de Donald Trump para a China



Por **ALASTAIR CROOKE***

Donald Trump quer ser poderoso o bastante para ameaçar militarmente a China e, portanto, quer que Vladimir Putin concorde rapidamente com um cessar-fogo na Ucrânia

1.

Um ultimato de Donald Trump ao Irã? O coronel Doug Macgregor [compara](#) o ultimato do presidente norte-americano ao Irã àquilo que, em 1914, a Áustria-Hungria fez à Sérvia: em suma, uma oferta que “não poderia ser recusada”. A Sérvia aceitou dos nove dez critérios, recusou um, e a Áustria-Hungria declarou guerra imediatamente.

Em 4 de fevereiro, logo após sua posse, o presidente Donald Trump assinou um Memorando Presidencial de Segurança Nacional ([NSPM](#)); ou seja, uma cláusula juridicamente vinculante, que impõe às agências governamentais a execução de ações específicas e com a dívida precisão.

A cláusula estabelece que o Irã seja privado de uma arma nuclear, de mísseis intercontinentais e de outras capacidades de armas assimétricas e convencionais. Todas essas demandas vão além das já existentes TNP (Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, de 1970) e JCPOA (Plano de Ação Global Conjunta, de 2015). Para esse fim, o Memorando Presidencial de Segurança Nacional (i) direciona a pressão econômica máxima, a carga do Tesouro dos Estados Unidos, para reduzir as exportações de petróleo do Irã para zero; (ii) busca do acionamento do *snapback* (represália) de avaliações do JCPOA; e (iii) se apresenta para neutralizar a “influência maligna do Irã no exterior” – o Eixo da Resistência.

O *snapback* das avaliações da ONU expira em outubro, então o tempo é curto para cumprir os seus requisitos formais. Isso insinua a razão pela qual Trump e autoridades israelenses dão a primavera como prazo final para um acordo negociado.

O ultimato de Donald Trump ao Irã parece estar conduzindo os Estados Unidos por um caminho no qual a guerra é o único resultado, tal como ocorreu em 1914: um resultado que desencadeou a Primeira Guerra Mundial. Seria apenas uma fanfarronice de Donald Trump? É possível, mas assim como se Donald Trump estivesse emitindo demandas juridicamente vinculantes que ele espera que não possam ser atendidas. Sua liberdade deixaria o Irã, no mínimo, castrado e despojado de soberania. Há também um “tom” implícito nessas exigências: ameaçar e esperar uma mudança de regime no Irã como resultado.

Pode ser uma fanfarronice de Donald Trump, mas o presidente tem o “feitoio”

(convicções passadas) para fazê-lo. Ele aderiu descaradamente à linha de Benjamin Netanyahu sobre o Irã, de que o JCPOA (ou qualquer acordo com o país persa) é “ruim”. Em maio de 2014, Donald Trump retirou os Estados Unidos do JCPOA, sob o comando de Benjamin Netanyahu, e, em seu lugar, divulgou um novo conjunto de 12 critérios ao Irã, que incluíam

abandonar permanente e constantemente seu programa nuclear para todo o sempre, além de cessar tudo e qualquer enriquecimento de urânio.

2.

Qual é a diferença entre as demandas anteriores de Donald Trump e essas agora de fevereiro? Essencialmente, são as mesmas, exceto que hoje ele diz: Se o Irã “não fizer um acordo, haverá bombardeios. Serão bombardeios como nunca se viu antes”.

Assim, há tanto a experiência histórica quanto ao fato de que Donald Trump está cercado – pelo menos nessa questão – por uma cabala hostil de israelenses *Firsters* ([excepcionalistas](#)) e *Super Hawks* (superfalcões). O enviado para o Oriente Médio, Steve Witkoff, está nessa dança, mas mal orientado nos seus termos. Donald Trump também se mostrou virtualmente totalitário no que respeita a qualquer crítica que seja a Israel no âmbito da academia norte-americana. E em Gaza, Líbano e Síria, ele apoia integralmente uma agenda expansionista e provocadora da extrema direita de Benjamin Netanyahu.

As demandas atuais em relação ao Irã também vão contra a última Avaliação de Ameaça, da Inteligência norte-americana, de 25 de março de 2025, de que o Irã [não está construindo uma arma nuclear](#). Essa avaliação de inteligência está sendo eficaz desconsiderada. Poucos dias antes de sua divulgação, o Conselheiro de Segurança Nacional de Donald Trump, Mike Waltz, declarou explicitamente que a administração de Donald Trump está buscando o

“desmantelamento total” do programa de energia nuclear do Irã: “O Irã tem que desistir de seu programa de modo a que o mundo inteiro possa ver”, disse Mike Waltz. “É hora de o Irã se afastar completamente de seu desejo de ter uma arma nuclear”.

Por um lado, parece que, por trás desses ultimatos, está um presidente que ficou “irritado e furioso” com sua incapacidade de acabar com a guerra na Ucrânia quase imediatamente – como inicialmente sugerindo –, junto com a pressão de um Israel amargamente fraturado e um Benjamin Netanyahu volátil para comprimir o cronograma em direção à “solução final” do “regime” iraniano (que, alega ele, nunca foi tão fraco). Tudo para que Israel normalize sua posição frente ao Líbano – e mesmo à Síria. Assim, com o Irã concluído entrevistado, obrigação com a implementação do projeto do Grande Israel, a ser normalizado em todo o Oriente Médio.

Isso, por outro lado, permitiria então que Donald Trump mire na direção ao “tão esperado” grande pivô para a China. (E para a China, vulnerável em termos de energia, uma mudança de regime em Teerã seria, da perspectiva chinesa, uma calamidade).

3.

Sendo explícito, a estratégia de Donald Trump para a China precisa entrar logo em vigor, para avançar os planos de reequilíbrio do sistema financeiro, tal como idealizado pelo presidente americano. Pois se a China se sentir sitiada, ela pode muito bem agir como um agente de destruição do seu projeto. O jornal *Washington Post* [relatou](#) a existência de um memorando “secreto” do Pentágono, comandado por Pete Hegseth, de que “a China [agora] é a única ameaça iminente

para o Departamento [de Defesa], [junto] com o impedimento de uma ocupação final de Taiwan pela China – ao mesmo tempo em que se defende a pátria norte-americana”.

A “construção do planejamento de força” (um desses conceitos prolixos ao gosto da burocracia estratégica americana, que busca manifestar como o Pentágono poderia construir e dotar de recursos as forças armadas, passando o enfrentamento das ameaças percebidas) só deve considerar um conflito com Pequim em termos de planejamento das contingências de uma guerra entre grandes potências, diz o memorando do Pentágono, deixando a russa uma carga dos aliados europeus.

Donald Trump quer ser poderoso o bastante para ameaçar militarmente a China e, portanto, quer que Vladimir Putin concorde rapidamente com um cessar-fogo na Ucrânia, para que os recursos militares possam ser transferidos para o teatro de operações da China.

Em seu voo de volta para Washington, no último domingo à noite, Donald Trump reiterou seu aborrecimento com Vladimir Putin, mas acrescentou: “Não acho que ele vá voltar atrás em sua palavra, eu o conheço há muito tempo. Sempre nos demos bem”. Questionado sobre quando queria que a Rússia concordasse com um cessar-fogo, Donald Trump disse que havia um

“prazo psicológico”. “Se eu achar que eles estão nos enrolando, não ficarei feliz com isso”.

O desabafo de Donald Trump contra a Rússia pode ter talvez um tom de *reality show*. Para seu público doméstico, ele precisa ser percebido como alguém que traz “a paz pela força”, ou seja, deve manter as aparências de macho alfa, uma vez que a evidência de sua [completa falta de influência sobre Putin](#) não pode se tornar gritante demais para o público americano e para o mundo.

Parte da razão para a frustração de Donald Trump também pode ser tributada à sua formação cultural como empresário nova-iorquino, para quem um acordo significa, antes, dominar as negociações, e então, rapidamente, destruir as resistências. No entanto, não é assim que a diplomacia funciona. A abordagem negocial também reflete visões conceituais profundas.

O processo de cessar-fogo na Ucrânia está paralisado, não por causa da intransigência russa, mas sim porque a equipe de Donald Trump decidiu alcançar um acordo na Ucrânia exige, em primeiro lugar, a insistência num cessar-fogo unilateral e imediato – sem considerar uma governança temporária que permita eleições na Ucrânia, e tampouco as raízes do conflito. E, em segundo lugar, porque Donald Trump se apressou, sem escutar o que os russos estavam dizendo e/ou sem querer dar-lhes ouvidos.

Agora que as gentilezas iniciais acabaram, e a Rússia está dizendo categoricamente que as atuais propostas de “cessar-fogo” são simplesmente convincentes e inaceitáveis, Donald Trump fica furioso e ataca Putin, dizendo que tarifas de 25% sobre o petróleo russo podem surgir a qualquer momento.

Vladimir Putin e o Irã estão agora sob “prazos” (um “psicológico” no caso de Putin), que visam permitir a Donald Trump obrigações com uma ameaça crível à China para que possa estabelecer seus termos o mais rápido possível, uma vez que a economia global já parece estar cambaleando.

4.

Donald Trump solta fumaça e cobre fogo. Ele tentou apressar as coisas fazendo um grande *show* de bombardeio aos

a terra é redonda

Houthis, gabando-se de que eles foram duramente atingidos, com muitos dos seus líderes mortos. No entanto, a insensibilidade frente às mortes de civis iemenitas não combina com sua alegada empatia de sentir-se condoída por milhares de “belos” jovens ucranianos que morrem desnecessariamente nas linhas de frente. Tudo, então, vira realidade.

Donald Trump ameaçou o Irã com “bombardeios como nunca viram antes”, por causa de um ultimato que provavelmente não poderá ser atendido. Simplificando, essa ameaça (que inclui o possível uso de armas nucleares) não é feita porque o Irã representa uma ameaça aos Estados Unidos. Ele não representa. Mas é feito como uma opção. Um plano; uma [“coisa colocada calmamente na mesa”](#) geopolítica e destinada a espalhar o medo. “Cidades cheias de crianças, mulheres e idosos para serem mortos: Não é moralmente errado. Não é um crime de guerra”.

Não. Apenas a “realidade” de que Donald Trump considera o programa nuclear iraniano uma ameaça existencial para Israel. E que os Estados Unidos estão comprometidos no uso da força militar para eliminar ameaças existenciais a Israel.

Este é o cerne do ultimato de Donald Trump. Ele deve ao fato de que é Israel – não os Estados Unidos, e não a comunidade de inteligência norte-americana – que vê o Irã como uma ameaça existencial. Michael Hudson, [falando](#) com conhecimento de causa dos bastidores políticos, diz: “não se trata apenas de que Israel, como o contratempos, deva ser protegido do terrorismo” – posição explicitada por Donald Trump e sua equipe, além de ser a narrativa israelense, por excelência, secundada por seus apoiadores – “trata-se de uma diferente”. Há cerca de dois ou três milhões de israelenses que se pretendem controlar tudo o que hoje chamamos de Oriente Médio, o Levante, o que alguns chamam de Ásia Ocidental – e outros chamam de “Grande Israel”. Esses sionistas acreditam que têm um mandato de Deus para levar toda essa terra. E todos aqueles que a isso se opõem são amalequitas. Os sionistas acreditam que as amalequitas são aquelas consumidas por um desejo avassalador de matar judeus e que, portanto, devem ser aniquiladas.

A *Torá* registra a história de Amalek: *Parashat Ki Teitzei*, quando a *Torá* declara, “*machoh timcheh et zecher Amalek*” (“devemos apagar a memória de Amalek”). “Todos os anos, nós [judeus] vemo-nos obrigados a ler não como Deus destruirá Amaleque, mas como devemos destruir Amaleque”. (Mesmo que muitos judeus se perguntem como conciliar esta *mitzvá* com seus valores contrários, assentados sobre a compaixão e a misericórdia).

Esse mandamento na *Torá* é, de fato, um dos principais elementos na raiz da obsessão de Israel com o Irã. Os israelenses perceberam o Irã como uma tribo amalequita, conspirando para matar judeus. Nenhum acordo, nenhum compromisso, portanto, é possível. E isso também diz algo, evidentemente, sobre o desafio estratégico do Irã (mesmo que secular) ao Estado israelense.

O que se tornou o ultimato de Donald Trump tão urgente na visão de Washington – além das considerações sobre o pivô da China – foi o assassinato de Sayyed Hassan Nasrallah. Esse fato marcou uma grande mudança no pensamento político norte-americano, porque, antes disso, vivíamos uma era de cálculos cuidadosos, movimentos incrementais, subindo uma escada rolante. O que se entende agora é que “não estamos mais jogando xadrez”. Não há mais regras.

Israel (Netanyahu) está fazendo de tudo em todas as frentes para mitigar as divisões e a turbulência em Israel, e inflamando a frente iraniana, mesmo que esse caminho possa muito bem significar a destruição do seu país. Essa última perspectiva parece marcar a mais vermelha das “linhas vermelhas” para as estruturas arraigadas do estado profundo norte-americano.

***Alastair Crooke**, *ex-diplomata britânico, fundador e diretor do Conflicts Forum.*

Tradução: **Ricardo Cavalcanti-Schiel.**

Publicado originalmente no portal da [Strategic Culture Foundation.](#)